

# **Parecer**

## **Caça à Raposa**

de Sara Fragoso

***Bióloga***

*Mestre em Etologia*

*Mestre em Etologia Clínica*

*Doutoranda em Ciências Biomédicas*

*Directora Científico-Pedagógica do*

*Centro para o Conhecimento Animal*



**Movimento pela **Abolição** da **Caça à Raposa****

---

## PARECER

### CAÇA À RAPOSA

Caçar para quê e porquê? Que interesses a considerar?

Ex.<sup>mos</sup> Senhores,

Venho por este meio emitir o meu parecer relativamente à prática da Caça à Raposa.

Antes de manifestar o meu posicionamento em relação a este tema cada vez mais polémico, considero que qualquer discussão sobre qualquer prática que implique a vida de outros seres, sejam de que espécie forem, deve ter por base argumentos apresentados com clareza e, sempre que possível, cientificamente comprovados que possibilitem responder exaustivamente às seguintes questões:

- Quais as motivações, intrínsecas e extrínsecas, que levam à prática do comportamento em análise?
- Quais são os portadores de interesse, na perspectiva de lhes serem imputados custos e benefícios, da prática em questão?

A resposta a estas perguntas, tendo por base os diferentes posicionamentos éticos, o impacto económico e social e o conhecimento científico disponível à data, poderá constituir uma base robusta, concreta e acessível a todos para que a tomada de decisão e a elaboração de legislação sejam actos devidamente fundamentados, justos e socialmente conciliadores.

Darei o meu contributo para a resposta a ambas as questões, com plena consciência que não serei plenamente abrangente no que se refere a todas as dimensões que deverão ser abordadas por fugirem ao âmbito do que trato frequentemente como investigadora, profissional e, não menos importante, cidadã.

Começarei por dar o meu contributo na resposta à primeira questão, no que se refere às motivações biológicas que levam à prática do comportamento em análise?

O enraizamento biológico e cultural destas práticas é bastante considerável. Numa perspectiva biológica e evolutiva do comportamento humano, sabemos atualmente que o comportamento de caçar teve origem há milhares de anos atrás, mantendo-se em algumas sociedades caçadoras-recolectoras atuais, como forma de subsistência e de valorização social. Este comportamento terá contribuído para a sobrevivência e sucesso reprodutivo dos nossos ancestrais, tornando-os mais aptos, pelo que os mecanismos subjacentes terão sido

mantidos por seleção natural. Será desta forma expectável que a nossa espécie tenha uma predisposição genética para a manifestação deste comportamento. O que a ciência nos tem vindo a mostrar, no entanto, é que o impacto das pressões seletivas se verificam ao nível dos mecanismos fisiológicos e psicológicos que afectam o comportamento mas não determinam a sua expressão. Deste modo, não podemos argumentar que o comportamento está justificado pelo determinismo genético, que sabemos não existir.

Para além disso, as circunstâncias em que o comportamento de caça ocorre hoje em dia são completamente diferentes daquelas em que os nossos ancestrais viviam e o conhecimento sobre o impacto desta prática é incrivelmente superior, pelo que esta prática carece de fundamento *biológico* para a sua continuidade.

No Decreto-Lei n.º 167/2015, de 21 de agosto, podemos encontrar o seguinte relativamente à caça: “A exploração dos recursos cinegéticos, através do exercício da caça, encarada na ótica do uso sustentável daqueles recursos, cumpre uma diversidade de funções, de natureza económica, social, cultural, ambiental e recreativa, que cabe ao Estado salvaguardar, porque é de interesse nacional...”.

“Funções de natureza recreativa”? Atividade lúdica? Momentos de lazer passados a matar? Matar por prazer? O que é que isso revela de quem o pratica? O que é que isso diz de uma sociedade que permite que tal aconteça?

“Funções de natureza cultural”? É incontestável que a nossa sociedade é cada vez mais informada e sensível no que se refere ao bem-estar animal e está mais consciente do impacto que as suas ações têm nos outros seres. Apesar da Caça à Raposa estar regulamentada por lei, cada vez é mais evidente a indignação no que se refere a esta questão. O facto de ser uma prática comum na história evolutiva e cultural dos seres humanos não é justificação suficiente para manter esta prática. Ao longo da história da humanidade são diversos os exemplos de práticas que em tempos foram aceitáveis e muitas vezes louváveis começam a ser vistas como obsoletas e cruéis, pelo que o facto de ter alguma relevância cultural não deverá ser argumento para manutenção deste tipo de práticas.

“Interesse nacional”? Esta expressão remete-nos automaticamente para a segunda questão com a qual se pretende que sejam considerados todos os portadores de interesse da prática em questão.

A legislação em vigor reflecte os interesses de quem? Dos caçadores? Os fabricantes e vendedores de armas? Serão estes interessados representativos da população nacional? Desconheço qualquer levantamento relativo à vontade dos cidadãos portugueses relativamente a esta prática, pelo que, não havendo esses dados, é grave afirmar que a legislação respeita e está elaborada de forma a salvaguardar o interesse nacional.

Deverá o interesse de alguns prevalecer sobre os demais interessados, que incluem uma fatia significativa da população? E o interesse da raposa e das outras espécies que sofrem as consequências desta prática, não deverão ser considerados? Eticamente muito discutível, mas no que se refere ao bem-estar animal é claramente reprovável. O que para uns é uma atividade lúdica para outros será terror puro, uma questão de sobrevivência. Não será necessário um nível extraordinário de empatia para perceber os níveis de medo que as raposas vivenciam enquanto são perseguidas. As raposas são seres sencientes, com capacidade de sentir e sofrer. A nossa legislação atual permite que UMA ÚNICA raposa seja perseguida por um homem a cavalo e 50 cães (Decreto-Lei nº 202/2004), o que facilmente é classificado como cruel e covarde. Mais uma vez, o que é que isso diz da nossa sociedade? E isto sem ter em conta que normalmente a época venatória se sobrepõe à época de acasalamento da espécie e sem analisar o stress a que as raposas estão sujeitas por questões naturais, alterações climáticas e, mais recentemente, pela devastação do habitat consequente dos incêndios que levou à perda de um número desconhecido de indivíduos e dos seus recursos.

Algumas entidades utilizam como argumento a necessidade da Caça à Raposa como estratégia de controlo de populações, para evitar o ataque das raposas aos animais de criação de pessoas de aldeias/vilas próximas. Se assim acontece, então devemos reflectir sobre as causas destes ataques. É um transtorno para as pessoas afectadas, mas para as raposas é uma questão de sobrevivência. Enquanto sociedade, resolver esta questão deverá ser um desafio às nossas capacidade de gestão dos recursos naturais disponíveis. Se a raposa tiver alimento disponível no seu habitat não terá necessidade de procurar alimento desta forma. Não deveríamos ser mais proactivos e investir na prevenção do problema e fazer uma gestão dos recursos mais inteligente?

O interesse da raposa é obviamente pouco valorizado...

... na verdade nem sequer é considerado!

Em modo de conclusão: apesar da forte componente genética e cultural que subjazem a esta prática tão primitiva, nada nesta herança determina que assim seja. O comportamento humano é flexível e ajustável à evolução das circunstâncias em que se insere. Devemos exigir mais de nós enquanto indivíduos e sociedade. Ignorar o conhecimento existente é realmente mais fácil, mas não isento de responsabilidade, principalmente por parte de quem tem o poder de autorizar e regulamentar estas práticas. Impõe-se essa evolução numa sociedade mais instruída e com mais literacia em termos de saúde e bem-estar de todos.

Pelo exposto e com toda a convicção apelo aos decisores e legisladores que repensem a adequação da legislação em vigor, de forma a que seja um reflexo da evolução da sociedade e salvaguarde o interesse de TODOS os portadores de interesse.

Manifesto ainda a minha total disponibilidade para esclarecer ou desenvolver qualquer ponto que considerem pertinente.

Agradecendo a Vossa melhor atenção, remeto os meus melhores cumprimentos,

Sara Fragoso

*Bióloga*

*Mestre em Etologia*

*Mestre em Etologia Clínica*

*Doutoranda em Ciências Biomédicas*

*Directora Científico-Pedagógica do Centro para o Conhecimento Animal*